

P

UMA PALAVRA
A DIZER



A ONCOLOGIA DEVE APROXIMAR-SE DO DOENTE

A ONCOLOGIA DEVE APROXIMAR-SE CADA VEZ MAIS DO DOENTE E NÃO O CONTRÁRIO, AFIRMA A DR.^a SÓNIA REGO, ONCOLOGISTA NO HOSPITAL DA ARRÁBIDA, QUE CHAMA A ATENÇÃO PARA A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE, ASSIM COMO PARA A REALIZAÇÃO DE EXAMES COMPLEMENTARES NO MAIS CURTO ESPAÇO DE TEMPO POSSÍVEL.

“São, por norma, tratamentos com uma toxicidade significativa, pelo que quanto mais perto o doente estiver da residência – que é naturalmente a sua área de conforto – quando se submete à terapia, melhor”, diz a Dr.^a Sónia Rego. Idealmente, destaca, devia de ser a Oncologia a ir ao encontro deste doente, o que não é possível com o sistema de saúde tal como está montado. Seria

necessário, por exemplo, criar centros de oncologia perto dos doentes, o que permitiria abreviar todo o processo clínico dos doentes, do diagnóstico ao tratamento, passando pelo acompanhamento. Nestes casos, o tempo é crucial. Porém, não raras são as vezes que a Dr.^a Sónia Rego recebe pacientes já em estadios avançados da doença, cujo processo clínico se arrastou envolvendo, nomeadamente, várias

“A partir do momento em que o doente procura ajuda – e devemos estar muito atentos às suas queixas”

passagens por hospitais “Isto não pode continuar a acontecer. A partir do momento em que o doente procura ajuda – e devemos estar muito atentos às suas queixas, pois até prova em contrário o doentes tem sempre razão –, é uma corrida contra o tempo, que, nos casos de neoplasia, é incompatível com os períodos de espera de alguns exames complementares de diagnóstico”, frisa. A título de exemplo, a Dr.^a Sónia

Rego adianta: “há doentes que nos chegam, alguns dos quais já metastizados, depois de terem passado por cinco ou seis unidades de cuidados de saúde”.

Na atualidade a trabalhar na Oncologia do Hospital da Arrábida, a Dr.^a Sónia Rego destaca, no entanto, que se sente realizada profissionalmente, uma vez que dispõe das condições de trabalho necessárias, e em tempo útil, para a prática clínica para a qual se preparou como médica: dar o seu melhor pelo doente. “Se, por exemplo, houver suspeita de neoplasia, em dois ou três dias eu consigo obter todos os dados que me permitem fazer uma caracterização do tumor e recomendar uma terapêutica”, garante, salientando a necessidade de dar sempre ao doente uma resposta rápida, seja ela através de resultados curativos, paliativos ou de alívio sintomático.

Ainda no que toca à prestação atempada de cuidados de saúde, em particular na área da Oncologia, a Dr.^a Sónia Rego chama a atenção para a melhoria das curvas de sobrevivência destes doentes quando assistidos em tempo útil e com qualidade em unidades com resposta para tal, enquanto outros não conseguem dar resposta, pela lotação do próprio sistema.

“O sistema de saúde público, com todo o reconhecimento que merece, foi criado há muitos anos tendo em conta uma realidade que entretanto mudou, pelo que não consegue responder com efetividade às necessidades do presente. Há que repensar o modelo, a bem da saúde e a bem de todos nós”, diz.

DESMISTIFICAR O CANCRO

Apesar de hoje em dia haver a possibilidade de controlar alguns tipos de cancro de

modo a torná-los numa doença crónica, é ainda muito forte o estigma que pesa sobre esta patologia, diz a Dr.^a Sónia Rego, sublinhando a necessidade que há de desmistificar a doença e encará-la de modo natural.

“Está mais do que provado que o doente que sofre, por exemplo, um enfarte do miocárdio encara a doença de um modo muito diferente daquele a quem foi diagnosticado cancro, apesar de serem ambas patologias graves. Mas, para nosso próprio bem, este tipo de abordagem tem que mudar rapidamente, pois dentro de alguns anos, segundo as projeções estatísticas, duas em cada três pessoas terá cancro e há que enfrentar esta realidade”, refere a oncologista.

Neste contexto, a Dr.^a Sónia Rego diz ter uma relação aberta com os doentes que acompanha, separando, naturalmente, a parte clínica da emocional, pois só assim é possível prestar-lhes a melhor assistência possível. “A empatia é essencial no relacionamento entre o médico e o doente. É fundamental que o doente perceba que a nossa missão é ajudá-lo e que para isso estamos ao seu lado”, frisa.

“A empatia é essencial no relacionamento entre o médico e o doente. É fundamental que o doente perceba que a nossa missão é ajudá-lo e que para isso estamos ao seu lado”

MÉDICA POR VOCAÇÃO

Desde que se lembra, a Dr.^a Sónia Rego sempre quis ser médica e ainda que tivesse enveredado pela Oncologia pelo destino, sente-se plenamente realizada profissionalmente.

“Como vivi no Brasil, tirei o curso de Medicina lá. Mas depois, por razões familiares, vim para Portugal e as dificuldades para obter a equivalência foram tantas, que acabei por tirar um segundo curso de Medicina aqui”, explica.

Participou em várias missões, mesmo antes de entrar em Medicina, porque de há muito sentia esse apelo e, como refere, não é preciso ser-se médico para participar nestas iniciativas. “É um tipo de trabalho que me dá imenso prazer. O que ganhamos em termos humanos e emocionais com o trabalho que desenvolvemos no terreno, supera largamente qualquer ganho material”, garante. Entretanto, a escolha da Oncologia como especialidade teve a ver com um caso que a tocou de perto, levando-a a interessar-se pela área no âmbito da qual regista, com gratidão, autênticas lições de vida dadas pelos seus doentes.

Um pouco mais de tempo

São muitos os casos que, por diferentes motivos, marcam a prática clínica da Dr.^a Sónia Rego, mas há um que a tocou particularmente a tal ponto que, segundo diz, mudou o seu modo de estar na vida. Era uma mulher jovem, com cancro da mama, que tinha dois filhos ainda pequenos. Contra o que seria de esperar, a doença voltou e de uma forma muito agressiva.

Aquela doente tinha tudo para se sentir revoltada. No entanto, a única coisa que pediu foi que a ajudasse a ter um pouco mais de tempo para que pudesse escrever algo para deixar aos filhos, recorda com emoção.

“A doente sabia que estava prestes a entrar em coma e que em breve morreria. Investiguei e percebi que havia um tratamento que lhe

poderia prolongar um pouco mais a vida mas, para isso, eram necessários alguns procedimentos burocráticos. Foi difícil, mas conseguimos”, recorda a Dr.^a Sónia Rego. A morte chegaria passado muito pouco tempo, mas a doente teve tempo de escrever o que queria para deixar aos filhos e partiu com serenidade. “É um caso que jamais esquecerei”, diz.